



**I Encontro Internacional de Língua Portuguesa e Relações Lusófonas**

**L U S O C O N F**

**2018**

# Livro de Atas

Editores:

Carla Araújo  
Carlos Teixeira  
Cecília Falcão  
Lídia Machado dos Santos  
Paula Odete Fernandes  
Vitor Gonçalves

## Ficha Técnica

### Título

---

**LUSOCONF2018**

**I Encontro Internacional de Língua Portuguesa e Relações Lusófonas: livro de atas**

### Editores

---

<b>Carla Araújo</b>	<b>Instituto Politécnico de Bragança</b>
<b>Carlos Teixeira</b>	<b>Instituto Politécnico de Bragança</b>
<b>Cecília Falcão</b>	<b>Instituto Politécnico de Bragança</b>
<b>Lídia Machado dos Santos</b>	<b>Instituto Politécnico de Bragança</b>
<b>Paula Odete Fernandes</b>	<b>Instituto Politécnico de Bragança</b>
<b>Vitor Gonçalves</b>	<b>Instituto Politécnico de Bragança</b>

### Capa

---

**António Meireles e Vitor Gonçalves**

### Edição

---

**Instituto Politécnico de Bragança**  
**Campus de Santa Apolónia**  
**5300-253 Bragança**  
**Portugal**

**Data de edição: 2019**

**ISBN: 978-972-745-248-4**

**Handle: <http://hdl.handle.net/10198/18595>**

**URL: [www.lusoconf.ipb.pt](http://www.lusoconf.ipb.pt)**

**Email: [lusoconf@ipb.pt](mailto:lusoconf@ipb.pt)**

## Índice

<b>Comissão Científica</b> .....	<b>iii</b>
<b>Comissão Organizadora</b> .....	<b>v</b>
<b>Programa Geral do LUSOCONF2018 (dia 1)</b> .....	<b>vi</b>
<b>Programa Geral do LUSOCONF2018 (dia 2)</b> .....	<b>vii</b>
<b>Nota do Diretor da Escola</b> .....	<b>1</b>
<b>Texto de Abertura do LUSOCONF</b> .....	<b>2</b>
<b>Organizadores, patrocinadores e colaboradores</b> .....	<b>2</b>
<b>Conferências</b> .....	<b>4</b>
A língua e o preconceito.....	5
O português na China: "uma língua à solta" .....	18
A lusofonia e o mundo de ruturas.....	31
<b>Secção 1. Língua portuguesa</b> .....	<b>36</b>
A africada surda e a semivocalização da lateral: um estudo sociolinguístico.....	37
Sincronia “dinâmica”: Mudanças em curso em áreas críticas do português europeu .....	50
Regionalismos: palavras a não perder .....	63
Varição no uso de porque em português: fatores linguísticos e sociais .....	71
Sobre construções de coordenação num corpus escrito em português de Moçambique .....	83
<b>Secção 2. Didática da língua e da literatura e educação no mundo lusófono</b> .....	<b>98</b>
Didactics of ser/estar in a Portuguese as a Foreign Language environment.....	99
Inclusion of diversity in teaching Portuguese as a foreign language in Eswatini.....	111
Histórias e ideias: aprendizagens significativas com a Literatura para a Infância .....	118
Perceção da empatia etnocultural: implicações para a formação no ensino superior.....	128
A avaliação das aprendizagens no pré-escolar: o portefólio .....	138
Avaliação das aprendizagens: conceções de futuros docentes em formação.....	148
Formação contínua de professores em São Tomé e Príncipe: o papel da supervisão.....	158
Os manuais escolares de ciências naturais de S. Tomé e Príncipe .....	169
Mestrado em Educação Ambiental em S. Tomé e Príncipe – uma análise reflexiva .....	179
Educação ambiental e utilização da água pelas comunidades rurais em STP .....	187
<b>Secção 3. Literatura, Artes e Humanidades</b> .....	<b>199</b>
O hóspede impertinente: o tópico da menstruação na poesia de Gregório de Matos .....	200

Linguagem e mitologia da criação poética em Orides Fontela .....	205
O mito de Narciso revisitado por José Régio e Jorge de Sena .....	214
Carta de Sá-Carneiro a Pessoa: a inscrição do eu no discurso.....	221
A diáspora dos judeus sefarditas no espaço lusófono: memórias de Branca Dias .....	232
O cão sem plumas de João Cabral de Melo Neto em sua dinâmica diante a multidisciplinaridade ..	241
Literatura e cinema: irredutibilidade e desejo em Vergílio Ferreira.....	249
Representação etnográfica em Lavra de Ruy Duarte de Carvalho .....	255
Espelho partido: o Rio de Janeiro em busca de Paris.....	264
A música popular: território de afirmação cultural .....	273
Recursos civilizacionais no desenvolvimento das regiões: a flauta de tamborileiro .....	283
Quem canta em português, encanta: a canção na aprendizagem da língua materna .....	291
Notas sobre a história de Timor.....	305
A brief history of the teaching and learning of Portuguese in the kingdom of Eswatini .....	309
Da integração social e académica dos alunos Erasmus em Bragança: estudo diacrónico.....	319
<b>Secção 4. Cooperação e Desenvolvimento no mundo lusófono .....</b>	<b>325</b>
O potencial socioeconómico da literatura em contexto lusófono.....	326
Benefícios e impasses na internacionalização do português enquanto língua de negócios ....	334
Os indicadores de performance social e de liderança como fatores de desenvolvimento .....	344
Entre, quem é?, a predisposição da economia social para a economia circular .....	356
Competências dos profissionais de secretariado em Timor-Leste .....	370
Risco de incumprimento das empresas santomenses - análise da sua evolução.....	383
Planeamento financeiro e estratégico nas empresas santomenses.....	398
Modelos de avaliação de empresas: aplicação ao sector bancário de Cabo Verde .....	411
Entrepreneurship within the young Cape Verde migrant population .....	422
Previsão de descontinuidade de cooperativas de crédito com base no perfil de risco e operações .	433
O contributo do Instituto Politécnico de Bragança para a mão-de-obra qualificada .....	448
Economic impact of international students: the case of Polytechnic Institute of Bragança ....	457
Práticas da sociedade portuguesa e reabilitação sustentável do parque edificado residencial .....	464
Evolution of tourism and entrepreneurship in Cape Verde in the XXI century .....	475
Experiência turística dos praticantes de percursos pedestres.....	485
Flumen Durius: turismo de qualidade alicerçado no património cultural.....	494
Posfácio .....	507

## Comissão Científica

<b>Albert Wall</b>	(Universidade de Zurique – Suíça)
<b>Albino Bento</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Alcina Maria Nunes</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Alexandra Dias</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Alexandra Soares Rodrigues</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Amélia Polónia</b>	(Universidade do Porto – Portugal)
<b>Ana Maria Brito</b>	(Universidade do Porto – Portugal)
<b>Ana Maria Martinho</b>	(Universidade Nova de Lisboa – Portugal)
<b>Ana Paula Monte</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Ana Paula Tavares</b>	(Universidade de Lisboa – Portugal)
<b>Ana Sofia Cardim</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>António Borges Fernandes</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>António Domingos Abreu</b>	(Reserva Biosfera Ilha do Príncipe – São Tomé e Príncipe)
<b>António Meireles</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Artur Gonçalves</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Augusto Soares da Silva</b>	(Universidade Católica Portuguesa – Portugal)
<b>Betina Lopes</b>	(Universidade de Aveiro – Portugal)
<b>Bruno Sousa</b>	(Instituto Superior do Cávado e do Ave – Portugal)
<b>Burghard Baltrusch</b>	(Universidade de Vigo – Espanha)
<b>Carla Araújo</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Carla Guerreiro</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Carlos Aguiar</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Carlos Teixeira</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Cláudia Costa</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Cristina Flores</b>	(Universidade do Minho – Portugal)
<b>Cristina Martins</b>	(Universidade de Coimbra – Portugal)
<b>Cristina Mesquita</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Elsa Esteves</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Emília Nogueiro</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Ernesto Rodrigues</b>	(Universidade de Lisboa – Portugal)
<b>Fernanda Amélia Ferreira</b>	(Instituto Politécnico do Porto – Portugal)
<b>Fernando José Fraga Azevedo</b>	(Universidade do Minho – Portugal)
<b>Fernando Ramallo</b>	(Universidade de Vigo – Espanha)
<b>Filipe Bonfim</b>	(Universidade de São Tomé e Príncipe – São Tomé e Príncipe)
<b>Filomena Martins</b>	(Universidade de Aveiro – Portugal)
<b>Francisco Paiva</b>	(Universidade da Beira Interior – Portugal)
<b>Francisco Topa</b>	(Universidade do Porto – Portugal)
<b>Graça Rio-Torto</b>	(Universidade de Coimbra – Portugal)
<b>Graça Santos</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Helena Vilaça</b>	(Universidade do Porto – Portugal)
<b>Isabel Aires de Matos</b>	(Instituto Politécnico de Viseu – Portugal)
<b>Isabel Margarida Duarte</b>	(Universidade do Porto – Portugal)
<b>Joana Matos Frias</b>	(Universidade do Porto – Portugal)
<b>João Cunha</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>João José Ferreira</b>	(Universidade da Beira Interior – Portugal)
<b>João Marôco</b>	(Instituto Superior de Psicologia Aplicada – Portugal)
<b>João Pontífice</b>	(Universidade de São Tomé e Príncipe – São Tomé e Príncipe)
<b>João Veloso</b>	(Universidade do Porto – Portugal)
<b>Joaquim Mendes Leite</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)

<b>Jorge Manuel Alves</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>José Alberto Pereira</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>José António Brandão</b>	(Universidade do Minho – Portugal)
<b>José Carlos Dias Rouco</b>	(Academia Militar – Portugal)
<b>José Pires Laranjeira</b>	(Universidade de Coimbra – Portugal)
<b>José Teixeira</b>	(Universidade do Minho – Portugal)
<b>Júlia Fragoso da Fonseca</b>	(Instituto Politécnico de Leiria – Portugal)
<b>Lídia Machado dos Santos</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Luís Herberto Nunes</b>	(Universidade da Beira Interior – Portugal)
<b>Luís Filipe Fernandes</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Luísa Lopes</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Manuel Ângelo Rodrigues</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Manuel Célio Conceição</b>	(Universidade do Algarve – Portugal)
<b>Manuel Fonseca</b>	(Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Portugal)
<b>Manuel José da Rocha Armada</b>	(Universidade do Minho – Portugal)
<b>Manuel Loff</b>	(Universidade do Porto – Portugal)
<b>Manuel Moreira da Silva</b>	(Instituto Politécnico do Porto – Portugal)
<b>Maria Antónia Mota</b>	(Universidade de Lisboa – Portugal)
<b>Maria da Conceição Nunes</b>	(Instituto Politécnico do Porto – Portugal)
<b>Maria José Rodrigues</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Mário Cardoso</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Mário Correia</b>	(Centro de Música Tradicional Sons da Terra – Portugal)
<b>Mário Viaro</b>	(Universidade de São Paulo – Brasil)
<b>Moisés Lemos Martins</b>	(Universidade do Minho – Portugal)
<b>Nina Aguiar</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Olga Santos</b>	(Instituto Politécnico de Leiria – Portugal)
<b>Otília Sousa</b>	(Instituto Politécnico de Lisboa – Portugal)
<b>Paula Odete Fernandes</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Paulo Águas</b>	(Universidade do Algarve – Portugal)
<b>Paulo Castro</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Paulo Mafra</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Pedro Manuel Nunes</b>	(Instituto Superior do Cávado e do Ave – Portugal)
<b>Pilar Gutiez Cuevas</b>	(Universidad Complutense de Madrid – Espanha)
<b>Ricardo Alexandre Correia</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Ricardo Jorge Correia</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Rómina Laranjeira</b>	(Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo – Brasil)
<b>Rui Pereira</b>	(Universidade de Coimbra – Portugal)
<b>Sandra Tapadas</b>	(Universidade de Lisboa – Portugal)
<b>Sara Carvalho</b>	(Universidade de Aveiro – Portugal)
<b>Sílvia Melo-Pfeifer</b>	(Universidade de Hamburgo – Alemanha)
<b>Sofia Bergano</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Sónia Nogueira</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)
<b>Susana Correia</b>	(Universidade Nova de Lisboa – Portugal)
<b>Teresa Cierco</b>	(Universidade do Porto – Portugal)
<b>Vítor Barrigão Gonçalves</b>	(Instituto Politécnico de Bragança – Portugal)

## Comissão Organizadora

### Coordenação

Carlos Teixeira	(Instituto Politécnico de Bragança, Portugal)
Dina Macias	(Instituto Politécnico de Bragança, Portugal)
Pedro Oliveira	(Instituto Politécnico de Bragança, Portugal)

### Membros

Alexandra Soares Rodrigues	(Instituto Politécnico de Bragança, Portugal)
Alexandra Dias	(Instituto Politécnico de Bragança, Portugal)
Ana Paula Monte	(Instituto Politécnico de Bragança, Portugal)
António Meireles	(Instituto Politécnico de Bragança, Portugal)
Carla Guerreiro	(Instituto Politécnico de Bragança, Portugal)
Carla Araújo	(Instituto Politécnico de Bragança, Portugal)
Carlos Aguiar	(Instituto Politécnico de Bragança, Portugal)
Cecília Falcão	(Instituto Politécnico de Bragança, Portugal)
Isabel Castro	(Instituto Politécnico de Bragança, Portugal)
João Pontífice	(Universidade de São Tomé e Príncipe, STP)
Lídia Machado dos Santos	(Instituto Politécnico de Bragança, Portugal)
Manuel Coelho da Silva	(Fundação Jorge Álvares, Portugal)
Maria José Rodrigues	(Instituto Politécnico de Bragança, Portugal)
Paula Odete Fernandes	(Instituto Politécnico de Bragança, Portugal)
Pedro Couceiro	(Instituto Politécnico de Bragança, Portugal)
Susana Correia	(Universidade Nova de Lisboa, Portugal)
Vitor Barrigão Gonçalves	(Instituto Politécnico de Bragança, Portugal)

## Perceção da empatia etnocultural: implicações para a formação no ensino superior

Rosa Novo<sup>1</sup>, Ana Prada<sup>1</sup>, Sofia Bergano<sup>1</sup>  
[rnovo@ipb.pt](mailto:rnovo@ipb.pt), [raquelprada@ipb.pt](mailto:raquelprada@ipb.pt), [sbergano@ipb.pt](mailto:sbergano@ipb.pt)

<sup>1</sup> *Instituto Politécnico de Bragança, Portugal*

### Resumo

A democratização do ensino superior trouxe para as Instituições uma diversidade de estudantes do ponto de vista socioeconómico e étnico-cultural. Neste quadro, a empatia etnocultural assume especial relevância no desenvolvimento social dos jovens e no estabelecimento de relações intergrupais mais genuínas e abertas à alteridade. Com este estudo pretende-se avaliar a capacidade empática dos estudantes de uma instituição do ensino superior politécnico português e provenientes de países de língua portuguesa. Nesta investigação exploratória, de cariz quantitativo, utilizou-se como instrumento de recolha de informação um questionário composto por questões sociodemográficas e a Escala de Empatia Etnocultural (Sampaio, Lima, Menezes & Monte, 2012). Através dos resultados obtidos, numa amostra de conveniência, procura-se *insights* úteis a perseguir nos contextos formativos do ensino superior.

**Palavras-Chave:** empatia etnocultural, educação intercultural, ensino superior.

### Abstract

The democratization of higher education has brought to the Institutions a diversity in students' background (especially, socio-economic status, ethnicity and cultural). In this context, ethnocultural empathy plays a key role in young people's social development and in the establishment of more genuine and open to otherness intergroup relations. This study aims to evaluate the empathic capacity of students from a portuguese polytechnic higher education institution and from Portuguese-speaking countries. In this quantitative research, a questionnaire composed of sociodemographic questions and the Ethnocultural Empathy Scale (Sampaio, Lima, Menezes & Monte, 2012) was used as an instrument for collecting information. Through the results obtained, in a convenience sample, useful insights are sought to be pursued in the formative contexts of higher education.

**Keywords:** ethnocultural empathy, intercultural education, higher education.

## 1. Introdução

O número de estudantes que procuram um país estrangeiro, durante a formação académica, no ensino superior, tem aumentado consistentemente no decorrer dos últimos anos (OCDE, 2018; Varghese, 2008). O intercâmbio, promovido através da obtenção de graus académicos no exterior ou da mobilidade Erasmus+, é percebido como uma estratégia relevante para fortalecer as competências dos estudantes, pois oferecem aprendizagens pertinentes para uma mudança de atitudes em relação às diferenças culturais (Ballestas & Roller, 2013).

Neste contexto, os formandos frequentemente experienciam o mundo de maneiras diferentes, o que pode ter um profundo impacto sobre as relações interpessoais em ambientes multiculturais. Melhorar o combate a formas de discriminação e a

compreensão das diferenças culturais é fundamental para a formação geral dos estudantes do ensino superior sendo, portanto, necessário considerar o valor da empatia etnocultural como um repto a perseguir nos contextos formativos (Sampaio, Lima, Menezes & Monte, 2012; Wang *et al.*, 2003).

Atender a esta necessidade requer métodos para medir e avaliar a compreensão das competências para com as pessoas de etnias diferentes da própria população em geral (Sampaio, Lima, Menezes & Monte, 2012), no sentido de uma melhor compreensão e reflexão crítica sobre as medidas a implementar neste nível de ensino. Na verdade, apesar da maior parte dos países serem atualmente multiétnicos, ainda se constata a tendência em segregar ou humilhar, de forma explícita ou implicitamente, as etnias exteriores no seio da etnia dominante (Vala, Brito & Lopes, 2015; Cabeçinhas, 2007).

No quadro desta problemática, apresenta-se um estudo exploratório realizado numa instituição do ensino superior politécnico português que teve como objetivo avaliar a capacidade empática etnocultural de alunos nacionais e de alunos provenientes de outros países lusófonos. Para enquadrar este estudo, o texto organiza-se em quatro eixos: i) o conceito de empatia etnocultural, estudos efetuados e visão crítica; ii) procedimentos metodológicos, seguidos de apresentação dos dados; iii) discussão dos resultados; iv) e considerações finais, onde se inclui uma referência às limitações do estudo e algumas propostas para investigações futuras.

## 2. Empatia etnocultural

O conceito de empatia tem recebido grande atenção por parte da comunidade científica. Independentemente das controvérsias e discussões em torno da empatia (Fernández-Pinto, López-Pérez & Márquez, 2008; Sampaio, Camino & Roazzi, 2009), existe consenso entre os diferentes teóricos a respeito da sua importância para o desenvolvimento de habilidades cognitivo-afetivas e comportamentais dos sujeitos, e para as relações humanas (Eisenberg & Fabes, 1990; Hoffman, 1987; Strayer & Eisenberg, 1987). Não obstante a pluralidade e diversidade conceituais, é de assinalar que outros pesquisadores, ao reconhecerem o valor das componentes étnico e cultural, estabeleceram um novo conceito denominado de empatia etnocultural (Rasoal, Jungert, Hau & Anderson, 2011; Rasoal, Eklund & Hansen, 2011; Sampaio, Lima, Menezes & Monte, 2012; Wang *et al.*, 2003). Sampaio, Lima, Menezes e Monte (2012) definem empatia etnocultural como “uma resposta de carácter cognitivo-afetivo que é produzida quando o indivíduo interage com pessoas de grupos étnico-raciais diferentes” (p.102).

Atendendo a que o termo compreende a empatia dirigida a pessoas de grupos culturais, raciais e étnicos diferentes do seu próprio grupo, para Wang e colaboradores (2003), há vários aspetos que distinguem a empatia etnocultural da empatia geral. O primeiro aspeto refere-se à necessidade de considerar a cultura do outro em função do contexto. O outro não deve ser entendido como independente do contexto cultural, pois a sua experiência individual é sempre interpretada no e através do seu contexto. Um segundo aspeto implica a necessidade de controlar os preconceitos e os estereótipos relativos a indivíduos e grupos com origens culturais e étnicas diferentes do seu, pois limitam a capacidade para interpretar o que se está a passar e o esforço para compreender uma realidade diferente. Um terceiro aspeto tem a ver com o facto de, além do conhecimento teórico, ser também dependente do relacionamento e da experiência prática com a outra cultura. Ou seja, é necessário considerar a capacidade de compreender os limites de nosso conhecimento e de adaptar esse conhecimento a um contexto diferente daquele em que foi adquirido (Rasoal Jungert, Tau & Andersson, 2011).

Wang e colaboradores (2003), na operacionalização do construto de empatia etnocultural, consideram quatro componentes, a saber: o sentimento e a expressão empática; a tomada de perspectiva empática; a tolerância às diferenças; e a consciência empática. O sentimento e expressão empática refere-se à preocupação com a expressão de crenças, valores ou atitudes discriminatórias e preconceituosas relativamente a membros de outros grupos étnicos. A tomada de perspectiva empática é entendida como a capacidade para compreender a visão do mundo, as experiências e os sentimentos de outra pessoa proveniente de um contexto étnico-racial distinto. A tolerância às diferenças envolve a compreensão, aceitação e valorização das tradições culturais e dos costumes de outros grupos étnico-raciais. A consciência empática inclui o conhecer e estar consciente das experiências e das emoções do outro, sobretudo, em contextos de discriminação e/ou tratamento desigual.

Apesar de Wang e colaboradores (2003) consagrarem este conceito como uma habilidade multidimensional e dinâmica, que pode ser aprendida e desenvolvida ao longo do tempo, ainda assim não é isento de críticas. Mais concretamente, Rasoal, Eklund e Hansen (2011) referem que, embora não seja razoável desenvolver um conceito de empatia para cada tipo de relacionamento, é frutífero identificar a especificidade da empatia entre pessoas de diferentes culturas. Criticam ainda a visão da empatia como existente apenas dentro da pessoa empática, expandindo a sua conceitualização para a inclusão de processos psicológicos tanto do empatizador quanto da outra pessoa.

Em síntese, e apesar do debate teórico que ainda subsiste neste domínio, pode-se afirmar que a empatia básica e a empatia etnocultural são interdependentes (Rasoal Jungert, Tau & Andersson, 2011). No entanto, são necessárias mais pesquisas nesta área, para se aferir quão estável é a relação entre os dois construtos.

### **3. Metodologia**

#### **3.1. Amostra**

A amostra do presente estudo é de conveniência. Consideraram-se como critérios de inclusão: (i) ser estudante da instituição do ensino superior politécnico, português ou oriundo de países de língua portuguesa, a frequentar a licenciatura ou o mestrado no ano letivo de 2017-2018 e (ii) aceitar participar na investigação.

Participaram 60 estudantes que frequentavam a licenciatura ou o mestrado. Destes, 30 estudantes eram de nacionalidade portuguesa e 30 oriundos de países de Língua Portuguesa, como Brasil (20%; n=12), São Tomé e Príncipe (20%; n=12), Cabo Verde (8,3%; n=5) e Guiné Bissau (1,7%; n=1).

Como pode apreciar-se pela leitura da Tabela 1, é consideravelmente superior a presença de estudantes do sexo feminino (80%; n= 48). A distribuição das idades apresentava um valor médio de 21,58 ( $DP = 2,82$ ) e os valores mínimos e máximos foram, respetivamente, de 18 e 39 anos. No que respeita ao estado civil, salienta-se que todos os participantes eram solteiros.

Tabela 1: Caracterização sociodemográfica da amostra (n=60)

		M	DP	N	%
Sexo	Masculino			12	20
	Feminino			48	80
		21,58	2,82		
Idade	18 a 21 anos (n=34)			34	56,7
	22 ou mais anos (n=26)			26	43,3
Estado Civil	Solteiro(a)			60	100
País de origem	Portugal			30	50
	Brasil			12	20
	São Tomé			12	20
	Cabo Verde			5	8,3
	Guiné Bissau			1	1,7

[Fonte: elaboração própria]

### 3.2. Procedimentos

Em primeiro lugar, foi solicitado aos autores (Sampaio, Lima, Menezes & Monte, 2012) o consentimento para aplicação da escala de Empatia Etnocultural (SEE). Seguidamente, procedeu-se ao pedido de autorização à direção da instituição de ensino superior para aplicar o questionário em contexto de sala de aula. Por último, os estudantes foram contactados e convidados a participar no estudo, tendo sido esclarecido o seu objetivo e a colaboração voluntária, bem como a garantia da plena confidencialidade dos dados recolhidos.

O questionário e a escala foram disponibilizados *online*, em contexto de sala de aula, utilizando a ferramenta Google *forms*. Num momento posterior à recolha de dados, procedeu-se à criação da base de dados transformando os itens do questionário em variáveis. Para análise dos dados recorreu-se ao *IBM SPSS Statistics*, versão 20. Foi utilizada estatística descritiva, realizando-se o cálculo da média, do desvio padrão e dos valores máximos e mínimos, ou de frequências e percentagens, de acordo com o tipo de dados (variáveis contínuas ou dicotómicas/categoriais). A consistência interna da escala de SEE foi avaliada com recurso ao alfa de Cronbach. Em termos de análise inferencial, perante a ausência de uma distribuição normal e da homogeneidade da variância, optou-se por testes não paramétricos, nomeadamente, o teste de Mann-Whitney (2 grupos independentes), considerando-se o nível de significância de 5%. Foram ainda calculadas correlações não paramétricas de Spearman já que nenhuma das variáveis apresentou uma distribuição normal. Por sua vez, como classificação do grau de correlação, considerou-se: fraco, quando  $0 < r < 0,3$ ; moderado, quando  $0,4 < r < 0,6$ , e forte, quando  $0,7 < r < 1,0$  (Dancey & Reidy, 2006). Foram ainda consideradas correlações muito significativas, quando o valor de prova era inferior a 5% e o grau de correlação moderado ou forte.

### 3.3. Instrumento

O instrumento de recolha de dados é de natureza quantitativa, baseado numa metodologia de análise estruturada, com recurso a um questionário para avaliar as variáveis sociodemográficas dos participantes (idade, sexo, estado civil e proveniência) e a escala

SEE (*Ibid.*). Esta escala contempla vinte e seis itens face aos quais os sujeitos devem indicar o seu grau de acordo, numa escala de cinco pontos (sendo 1=Discordo totalmente e 5=Concordo plenamente). Estes itens encontram-se agrupados em três fatores, nomeadamente: Fator 1- Sentimento e Expressão Empática; Fator 2 – Consistência Empática; e Fator 3 - Tolerância às Diferenças. De acordo com Sampaio e colaboradores (2012), o Fator 1 mede a preocupação com a expressão de crenças, valores ou atitudes discriminatórias/preconceituosas, além das respostas emocionais sentidas pelo sujeito, quando diante deste tipo de atitudes. O Fator 2 avalia o conhecimento/a consciência a respeito das experiências e emoções do outro, sobretudo, em situações de discriminação ou tratamento desigual. O Fator 3 mede o grau de compreensão, aceitação e valorização das tradições e costumes de outros grupos culturais. Esta escala apresenta um adequado grau de consistência interna, sendo o alfa de *Cronbach* de 0,81, na medida global de empatia etnocultural. Cabe ainda mencionar que a escala global original apresenta uma consistência interna satisfatória nos fatores 1 ( $\alpha = 0,714$ ) e 2 ( $\alpha = 0,706$ ), mas inadmissível no fator 3 ( $\alpha = 0,589$ ).

#### 4. Resultados e discussão

A exposição dos resultados obtidos organiza-se, primeiramente, em torno da análise da consistência interna da escala, e em seguida, da análise da correlação dos fatores que a compõem. Posteriormente, analisa-se a capacidade empática etnocultural, tendo em consideração as variáveis contempladas no estudo (idade, sexo, estado civil e proveniência) e a medida global de empatia etnocultural. Por último, apresentam-se os itens que compõem a escala SEE nos quais se constata diferenças estatisticamente significativas.

##### 4.1. Análise da consistência interna da escala SEE e da correlação entre os fatores

Neste estudo, procedeu-se a uma análise da consistência interna da escala, sendo o alfa de *Cronbach* da medida global ( $\alpha = 0,892$ ), bem como dos Fatores 1- Sentimento e Expressão Empática ( $\alpha = 0,811$ ), 2- Consistência Empática ( $\alpha = 0,861$ ) e 3-Tolerância às Diferenças ( $\alpha = 0,892$ ) indicadores de uma boa consistência interna (Maroco & Garcia-Marques, 2006), tal como se observa na Tabela 2.

Tabela 2: Consistência interna da escala SEE

Fatores	Sampaio <i>et al.</i> (2012)	Presente estudo
Fator 1	0,714	0,811
Fator 2	0,706	0,861
Fator 3	0,589	0,892
Medida global	0,808	0,892

Legenda: Fator 1- Sentimento e Expressão Empática; Fator 2 – Consistência Empática; Fator 3- Tolerância às Diferenças

[Fonte: elaboração própria]

Conforme se pode verificar na Tabela 3, o valor médio na escala SEE foi de 4,61. A análise dos fatores revela igualmente valores médios acima do valor médio teórico, indicando que, na amostra global, os níveis de empatia etnocultural são relativamente elevados.

Tabela 3: Mínimo, máximo, média e desvio padrão por fatores e global da escala SEE

	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Escala SEE
Mínimo	2,10	2,43	1,44	2,81
Máximo	6	6	6	5,92
Média	4,30	4,75	4,83	4,61
Desvio padrão	0,92	0,96	1,08	0,75

Legenda: Fator 1- Sentimento e Expressão Empática; Fator 2 – Consistência Empática; Fator 3- Tolerância às Diferenças

[Fonte: elaboração própria]

Na análise da correlação de Spearman, observa-se uma correlação positiva e moderada entre os fatores 2 e 3 ( $r = 0,435$ ;  $vp = 0,001$ ) e entre os fatores 1 e 2 ( $r = 0,674$ ;  $vp = 0,000$ ). Não existem correlações estatisticamente significativas entre os fatores 1 e 3 ( $r = 0,179$ ;  $p = 0,170$ ).

#### 4.2. Comparação da capacidade empática etnocultural atendendo às variáveis sociodemográficas

Na Tabela 4, adiante, indicam-se os valores médios e desvios padrão na pontuação global da escala e para cada fator, tendo em consideração o sexo, a idade e a proveniência dos participantes. São ainda apresentados os valores de prova obtidos no teste de *Mann-Whitney*, de forma a aferir a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os grupos.

Tabela 4: Comparação da empatia etnocultural atendendo ao sexo, à idade e à proveniência dos estudantes

		Fator 1	Fator 2	Fator 3	Escala SEE
		M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)
Sexo	Masculino	4,48 (0,78)	4,90 (0,92)	4,58 (1,16)	4,63 (0,70)
	Feminino	4,25 (0,95)	4,72 (0,98)	4,90 (1,06)	4,60 (0,77)
	Vp	0,670	0,572	0,345	0,904
Idade	18 a 21 anos	4,35 (0,90)	4,87 (0,91)	4,61 (1,13)	4,58 (0,77)
	22 ou mais anos	4,23 (0,96)	4,60 (1,02)	5,13 (0,95)	4,64 (0,74)
	Vp	0,720	0,309	0,039*	0,737
Proveniência	Portugueses	3,95 (0,89)	4,58 (0,92)	4,71 (1,10)	4,39 (0,72)
	Estrangeiros	4,64 (0,83)	4,93 (0,99)	4,96 (1,06)	4,82 (0,73)
	Vp	< 0,001**	0,088	0,216	0,019*

Legenda: Fator 1- Sentimento e Expressão Empática; Fator 2 – Consistência Empática; Fator 3- Tolerância às Diferenças; vp – Valor de prova; \* - Significativo a 5%; \*\* - Significativo a 1%.

[Fonte: elaboração própria]

Uma análise, em função do sexo dos estudantes, revela a inexistência de diferenças estatisticamente significativas nos fatores 1, 2 e 3, bem como na escala global como se comprova pelos valores de prova superiores a 5%. Relativamente à idade, existem diferenças estatisticamente significativas entre os estudantes de 18 a 21 anos e os de 22, ou mais anos, no Fator 3- Tolerância às Diferenças ( $vp = 0,039$ ). Os participantes mais

velhos (de 22 ou mais anos) evidenciam uma maior pontuação média neste fator, indicando um grau de compreensão, aceitação e valorização das tradições e costumes de outros grupos culturais. Quanto à proveniência dos participantes, verifica-se a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os estudantes de nacionalidade portuguesa e os estudantes oriundos de outros países lusófonos, na pontuação global da escala ( $vp = 0,019$ ) e no Fator 1- Sentimento e Expressão Empática ( $vp < 0,001$ ). Os níveis de empatia etnocultural são mais elevados no grupo de estudantes estrangeiros, comparativamente com os estudantes de nacionalidade portuguesa. É ainda notório que aqueles demonstram maior preocupação e uma maior vivência de respostas emocionais diante de situações discriminatórias/preconceituosas relativamente aos estudantes portugueses.

Uma análise pormenorizada nas pontuações médias dos itens, que compõe a escala SEE, não revela diferenças estatisticamente significativas relativamente ao sexo dos estudantes. Dito de outro modo, o sexo dos estudantes não é um elemento diferenciador na pontuação global da escala e nos itens que a compõem.

Considerando uma análise detalhada dos valores médios dos 26 itens, que compõem a escala SEE, optou-se pela apresentação apenas dos resultados daqueles onde se constatarem diferenças estatisticamente significativas nas variáveis analisadas. Mais concretamente, como se observa na Tabela 5, existem diferenças entre os estudantes de 18 a 21 anos e os de 22, ou mais anos, no item 19- “Sinto-me impaciente quando converso com pessoas de outras origens étnico-raciais, independentemente do quão bem elas falem a língua portuguesa”, sendo o valor de prova inferior a 1%. O mesmo se verifica em relação ao item 24- “Não me disponho a participar em eventos que promovam a igualdade de direitos entre pessoas de diferentes origens étnico-raciais”, sendo o valor de prova de 0,017. Nos itens em análise, os estudantes de maior idade são os que apresentam pontuações mais elevadas.

Tabela 5: Comparação dos valores médios dos itens que compõem a escala SEE, atendendo à idade dos estudantes

		Item 19	Item 24
		M (DP)	M (DP)
Idade	18 a 21 anos (n=34)	4,53 (1,50)	4,65 (1,45)
	22 ou mais anos (n=26)	5,65 (0,89)	5,42 (1,23)
$V_p$		$< 0,001^{**}$	$0,017^*$

Legenda: Item 19- Sinto-me impaciente quando converso com pessoas de outras origens étnico-raciais, independentemente do quão bem elas falem a língua portuguesa; Item 24- Não me disponho a participar em eventos que promovam a igualdade de direitos entre pessoas de diferentes origens étnico-raciais;  $vp$  – Valor de prova; \* - Significativo a 5%; \*\* - Significativo a 1%

[Fonte: elaboração própria]

Na Tabela 6, sumarizam-se os itens da escala SEE nos quais se encontraram diferenças estatisticamente significativas quanto aos grupos estabelecidos. Concretamente, os estudantes de nacionalidade portuguesa e os estudantes oriundos de países de Língua Portuguesa diferem nos itens 1- “Procuro oportunidades para conversar com indivíduos de outros grupos étnico-raciais sobre as suas experiências” ( $vp = 0,016$ ), 3-“Converso com pessoas de outros grupos étnico-raciais sobre as minhas preocupações a respeito da discriminação” ( $vp = 0,002$ ), 4-“Quando ouço as pessoas fazerem piadas racistas, digolhes que estou ofendido(a), mesmo que elas não estejam a referir-se ao meu grupo étnico-raciais” ( $vp = 0,043$ ), 9-“Sei como é sentir-se o(a) único(a) de raça ou etnia diferente num

grupo de pessoas” ( $vp < 0,001$ ) e 13-“Consigo ver como outros grupos étnico-raciais são sistematicamente oprimidos na nossa sociedade” ( $vp = 0,002$ ). Nestes itens, os estudantes referidos apresentam pontuações mais elevadas. Estes dados, também já apoiados por estudos portugueses (Vala, Brito & Lopes, 2015; Cabecinha, 2007); só podem ser entendidos no quadro de uma conceção que faz das diferenças étnico-raciais, diferenças problemáticas. Esta diferenciação poderá ser entendida no quadro de uma hierarquização de culturas e de preconceito latente ou escondido. Como salientam Cabecinhas (2007) e Vala, Brito e Lopes (2015) as pessoas desenvolvem estratégias de adequação ao contexto socio-histórico de modo a redirecionar o racismo, inibindo as suas formas de expressão, mas tal não representa que este desapareça ou se dissolva.

Tabela 6: Comparação dos valores médios dos itens que compõem a escala SEE, atendendo à proveniência dos estudantes

		Item 1	Item 3	Item 4	Item 9	Item 13
		M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)
Proveniência	Portugueses (n=30)	3,73 (1,51)	3,23 (1,52)	3,67 (1,81)	2,40 (1,69)	4,20 (1,42)
	Estrangeiros (n=30)	4,63 (1,43)	4,53 (1,50)	4,60 (1,48)	4,57 (1,76)	5,27 (0,94)
	Vp	0,016*	0,002**	0,043*	<0,001*	0,002**

Legenda: Item 1- Procuo oportunidades para conversar com indivíduos de outros grupos étnico-raciais sobre as suas experiências; Item 3- Converso com pessoas de outros grupos étnico-raciais sobre as minhas preocupações a respeito da discriminação; Item 4- Quando ouço as pessoas fazerem piadas racistas, digolhes que estou ofendido(a), mesmo que elas não estejam a referir-se ao meu grupo étnico-raciais; Item 9- Sei como é sentir-se o(a) único(a) de raça ou etnia diferente num grupo de pessoas; Item 13- Consigo ver como outros grupos étnico-raciais são sistematicamente oprimidos na nossa sociedade; vp – Valor de prova; \* - Significativo a 5%; \*\* - Significativo a 1%.

[Fonte: elaboração própria]

Com este estudo, pretendeu-se avaliar a capacidade empática etnocultural de alunos portugueses e de alunos provenientes de outros países lusófonos de uma instituição do ensino superior politécnico português. A escala utilizada e os respetivos fatores que a compõem apresentam uma boa consistência interna.

Além disso, contrariamente ao que refere a literatura (Albiero & Matricardi, 2013; Miville *et al.*, 1999; Wang *et al.*, 2003), no nosso estudo, os níveis de empatia etnocultural não diferem em função do sexo dos participantes. No entanto, constata-se que os participantes mais velhos (de 22 ou mais anos) evidenciam uma maior tolerância às diferenças. Isso pode ser devido ao facto de que a empatia etnocultural, quando apoiada num maior desenvolvimento e consciência cívica, ética e moral, a partir desta idade, ter impacto suficiente sobre a compreensão, aceitação e valorização das tradições e costumes de outros grupos culturais.

Os resultados revelam, igualmente, a presença de níveis de empatia etnocultural mais elevados no grupo de estudantes oriundos de outros países de língua portuguesa, comparativamente com os estudantes de nacionalidade portuguesa. Aqueles estudantes caracterizam-se ainda por uma maior vivência de respostas emocionais diante de situações discriminatórias/preconceituosas. Esta discrepância pode sugerir que se sentem mais conectados afetiva e cognitivamente com estudantes de determinada pertença presente nas interações “espontâneas”, insurgindo-se com respostas mais empáticas. Pela análise dos resultados globais e da comparação detalhada dos itens que compõem a escala

SEE, pode eventualmente dizer-se que a experiência de internacionalização no âmbito da formação no ensino superior parece contribuir para a promoção de competências etnoculturais. Os dados deste estudo apontam igualmente para a necessidade de incrementar habilidades, atitudes e conhecimentos necessários aos estudantes nacionais para a interação e a comunicação com indivíduos de culturas diferentes.

## 5. Considerações finais

Este estudo pretendeu avaliar a habilidade etnocultural dos estudantes portugueses e dos estudantes estrangeiros provenientes de países de língua portuguesa que frequentam uma instituição do ensino politécnico português. Por outro lado, também se reconhece que o construto etnocultural não é isento de algumas ambiguidades, e pode eventualmente remeter para a perceção de relações empáticas que “legitimem” a idealização do endogrupo e a construção de uma imagem negativa relativamente ao exogrupo, conseqüente da herança do passado.

Mais do que construir um objeto de análise numa perspectiva nova, a presente investigação oferece um contributo importante, pois permite identificar determinadas questões sobre a etnoculturalidade, acentuando a necessidade de desenvolvimento de propostas de ação em determinadas áreas da formação neste nível de ensino.

Atendendo à adequabilidade da escala, na avaliação do construto de empatia etnocultural, e ao facto de as instituições do ensino superior politécnico incluírem um número considerável de estudantes oriundos de outros países lusófonos, considera-se pertinente desenvolver mais investigações em torno desta temática, dado a multiculturalidade ser uma realidade incontornável, no âmbito da formação no contexto do ensino superior português. Importa, pois, aprofundar o efeito da idade e as diferenças constatadas, seguindo, por exemplo, uma metodologia mista.

Por último, convém ressaltar as limitações inerentes. Neste sentido, destaca-se o tamanho da amostra e o facto de a investigação centrar-se apenas numa das instituições do ensino superior politécnico português, dificultando, deste modo, a generalização dos resultados obtidos.

## 6. Referências

- Albiero, P. & Matricardi, G. (2013). Empathy towards people of different race and ethnicity: Further empirical evidence for the Scale of Ethnocultural Empathy. *International Journal of Intercultural Relations*, 37, 648–655. DOI: 10.1016/j.ijintrel.2013.05.003.
- Ballestas, H.C. & Roller, M. C. (2013). The effectiveness of a study abroad program for increasing students' cultural competence. *Journal of Nursing Education and Practice*, 3(6), 125-133. DOI: 10.5430/jnep.v3n6p125.
- Cabecinhas, R. (2007). *Preto e Branco. A naturalização da discriminação racial*. Porto: Campo das Letras Editores.
- Dancey, C. & Reidy, J. (2006). *Estatística sem matemática para Psicologia: Utilizando SPSS para Windows*. Porto Alegre: Artmed.
- Eisenberg, N. & Fabes, R. A. (1990). Empathy: Conceptualization, measurement, and relation to prosocial behavior. *Motivation and Emotion*, 14, 131–149. <http://doi.org/10.1007/BF00991640>.
- Fernández-Pinto, I., López-Pérez, B. & Márquez, M. (2008). Empatía: Medidas, teorías y aplicaciones en revisión. *Anales de Psicología*, 24(2), 284-298.

- Hoffman, M. L. (1987). The contribution of empathy to justice and moral judgment. En N. Eisenberg, & J. Strayer (Eds.), *Empathy and its development* (pp. 47-80). New York, NY, US: Cambridge University Press.
- Maroco, J. & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65-90.
- Miville, M. L. et al. (1999). Appreciating similarities and valuing differences: The Miville–Guzmanuniversality-diversity scale. *Journal of Counseling Psychology*, 46, 291–307. DOI: 10.1037/0022-0167.46.3.291.
- OCDE (2018). *Education at a Glance 2012: Highlights*. Acedido em 01-07-2018. Disponível em: [http://www.cnedu.pt/content/noticias/internacional/Education\\_at\\_a\\_glance\\_2018.pdf](http://www.cnedu.pt/content/noticias/internacional/Education_at_a_glance_2018.pdf)
- Rasoal, C., Jungert, T., Hau, S. & Andersson, G. (2011). Ethnocultural versus basic empathy: same or different? *Psychology*, 2 (9), 925-930. DOI: 10.4236/psych.2011.29139.
- Rasoal, C., Eklund, J. & Hansen, E. M. (2011). Toward a Conceptualization of ethnocultural empathy. *Journal of Social, Evolutionary, and Cultural Psychology*, 5 (1), 1-13. DOI: 10.1037/h0099278.
- Sampaio, L., Camino, C. & Roazzi, A. (2009). Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29 (2), 212-227.
- Sampaio, L. R., Lima, I. D. M., Menezes, I. G. & Monte, F. F. C. (2012). Tradução, Adaptação e Estudo da Validade de Construto da *Scale od Ethnocultural Empathy*, *Psico, Porto Alegre, PUCRS*, 43 (1), 101-108.
- Strayer, J. & Eisenberg, N. (1987). Empathy viewed in context. In N. Eisenberg, & J. Strayer (Eds.), *Empathy and its development* (pp. 389–398). New York: Cambridge.
- Vala, J., Brito, R. & Lopes, D. (2015). *Expressões dos Racismos em Portugal*. Lisboa: ICS.
- Varghese, N. V. (2008). *Globalization of higher education and cross-borderstudent mobility*. Paris: International Institute for Educational Planning, Unesco.
- Wang, Y., Davidson, M. M., Yakushko, O. F., Bielstein Savoy, H., Tan, J. A. & Bleier, J. K. (2003). The Scale of Ethnocultural Empathy: Development, validation and reliability. *Journal of Counseling Psychology*, 50, 221–234. DOI: 10.1037/0022-0167.50.2.221.